



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

BELÉM-PA | ANO 2 | N.2 | JAN-JUN 2015

LITERATURA, TEATRO E UM TAPETE¹

Andrea Carvalho Stark

¹Entrevista com Warley Goulart, diretor e ator do grupo Os Tapetes Contadores de Histórias.

Já tem bastante tempo que a gente vem contando histórias com tapetes! Tapetes grandes, pequenos, finos, grossos, quadrados ou redondos; que contam histórias daqui ou de lá; na língua daqui ou de lá. Histórias de animais, coisas ou gente como a gente. Histórias que o povo larga mão por aí ou escritas por um autor mesmo. Histórias de livro ou de boca em boca. Histórias novinhas em folha ou de tempos atrás. Tapetes que se abrem, tapetes que se fecham e amanhã tem mais histórias. A história da história dos tapetes começou na nossa escola, quando um moço estrangeiro que falava francês mostrou pra gente o que ele e a mãe dele tinham inventado: tapetes que contam histórias. E por anos a fio a gente saiu distribuindo um pouco desta especiaria pelos quatro cantos de cá. Nos cantinhos das bibliotecas, nas estantes das livrarias, nas salas de aula de carteiras arrastadas, no alto das montanhas, debaixo dos refletores e até nos corredores dos palácios! Por lá passou todo tipo de gente. Foi tanta gente ouvindo histórias e trazendo ideias que a gente teve que comprar uma bolsa amarela pra guardar tudo. Mas ideia é uma coisa que não para de nascer nem de crescer. Foi tanta e tanta ideia que a bolsa logo ficou cheia, e a gente teve que encontrar um jeito de dar um caminho para as ideias pipocarem. Foi um susto! No início, só saiu um fio. Um fiozinho que a gente puxou. E foi puxando, puxando com atenção. O fio chegou ao tamanho da sala de jantar. Mas ele parecia não ter fim. A gente teve que descer as escadas do prédio, atravessar a cidade e pensar num jeito de dar um jeito naquele novelo esticado. Então a gente brincou de inventar. Porque inventar é dar um porquê do fio no espaço. Aí a gente começou a fazer desenhos no meio do ar, tramando as linhas, até perceber que aquele emaranhado servia para que as histórias pudessem ser contadas. A gente foi até elas e elas soltaram um segredo: que gostavam de viver em tapetes, mas que podiam também nascer em tudo que era coisa; qualquer objeto que, se chacoalhado, permitisse espalhar histórias. Aí a gente viu uma mala e deu pra ela falar. Aí a gente encontrou um avental e deixou ele cantar. Aí a gente esbarrou numa caixa e ela se abriu. Aí a gente apertou um botão e o pano acendeu. Aí a gente fuçou e uma saia girou. Aí a gente vestiu e um castelo surgiu. A gente apertou e o bicho falou. A gente bateu e aí tocou. A gente viajou e o tapete seguiu. A gente subiu e o tapete cresceu. E o tapete cresceu tanto, mas tanto, que no final a gente acabou encontrando tudo o que a gente contou. É por isso que, de um tempo pra cá, a gente vem cismando que tudo o que a gente vê ou toca, tapete ou não, sei lá, tem história pra contar. (Warley Goulart)

Desde 1998, o grupo *Os Tapetes Contadores de Histórias* pesquisa, cria e apresenta para crianças e jovens um trabalho de contação de histórias que preza por um cuidado rigoroso e detalhista. O grupo tem sede no Rio de Janeiro, mas seu alcance não se detém a fronteiras. Com um repertório que inclui contos populares da Ásia, África, Europa e América do Sul, mitologia indígena e latino-americana, Carlos Drummond de Andrade e Ana Maria Machado, eles apresentam a crianças, jovens e, mais recentemente, a adultos espetáculos adaptados de obras literárias utilizando a linguagem teatral por meio de diversos suportes cênicos.

São tapetes, malas, aventais, caixas de pano, luzes e sombras se revelando e se desvelando em cena. Das palavras e mãos do contador, personagens feitos de tecido vivem suas aventuras em um cenário cheio de cores, texturas e volume. Os personagens são cuidadosamente manipulados e centrados em um tapete colorido. O tapete é instrumento lúdico, é o cenário, o texto que vive e está ali para a experiência de todos.

Apoiado por importantes instituições do país, o grupo tem obtido reconhecimento de crítica e público não só no Brasil, mas em outros países da América Latina, por onde tem se apresentado com regularidade. Em quase todos os lugares, a contação de histórias faz parte de um projeto maior, pois há um objetivo de expor e treinar futuros contadores por meio de oficinas de criação de tapetes e contação de histórias, e exposição dos materiais criados artesanalmente pelo grupo, que são apresentados como verdadeiras obras de arte.

O grupo *Os Tapetes Contadores de Histórias* é hoje formado pelos artistas: Andréa Pinheiro, Carlos Eduardo Cinelli, Edison Mego, Helena Contente, Ilana Pogrebinschi, Rosana Reátegui e Warley Goulart. Eu conversei com Warley Goulart, um de seus diretores, também músico, compositor, ator e especialista em Literatura Infantil pela Universidade Federal Fluminense. Warley nos contou um pouco sobre o seu trabalho e os desafios de criar uma carreira profissional contando histórias.

■ ***São 17 anos de trabalho em grupo, como vocês se organizam em termos de produção para se sustentarem por tanto tempo?***

*A sustentabilidade do nosso grupo se dá até hoje por vários motivos. O principal tem a ver com a afinidade artística entre nós: o interesse que cada um tem sobre a pesquisa da linguagem que criamos e experimentamos; o **viver-expressão** que acreditamos ser potente, transformadora, útil e interessante para o público infanto-juvenil; bem como as contribuições que podemos oferecer do ponto de vista da produção de conhecimento e arte. Há outro tipo de*

afinidade, também, que corresponde a um interesse comum pela forma de atuar como artistas em nossa cidade, nosso país e mundo onde vivemos. Propósitos que surgem e se transformam.

Outro fator importante tem a ver com uma coordenação artística e de produção apoiadas por um exercício constante de ética transparente, corajosa e respeitosa. É fundamental que pratiquemos uma amizade real entre nós. Respeitar o espaço e escutar o desejo de cada participante, e ao mesmo tempo cultivar uma liderança (e uma confiança nesta) que trace os rumos, apresentando com clareza os critérios das decisões tomadas. E o último aspecto que nos guiou nestes dezessete anos juntos foi o desenvolvimento de um sistema de produção que garantisse regularmente nossa presença no mercado, a fim de possibilitar tanto a remuneração dos esforços como a realização constante do trabalho.

Como diretores, eu e Carlos Eduardo Cinelli tivemos que encarar atividades de produção e empreendedorismo, como abrir uma empresa, escrever projetos, planejar orçamentos e investir no marketing, para deixar acessível ao mundo o trabalho que amamos realizar.

■ **Com relação à representação, como vocês definem o trabalho?**

Bom, no tocante à representação de nosso trabalho como expressão artística, tenho de apresentar os conceitos que temos escutado, ao longo destes 17 anos, a partir de nossa atuação nas instituições culturais e educacionais do Brasil e exterior, e do diálogo com outros artistas em festivais de narração de histórias, teatro e teatro de bonecos. Nós desenvolvemos uma linguagem teatral cujo eixo artístico é a narração oral, associada a uma manipulação de formas e bonecos. Somos contadores de histórias que se utilizam de elementos plásticos para conduzir crianças e jovens ao universo mítico das histórias. Foi assim pelo menos que nos definiram em muitas ocasiões. Nos festivais de teatro de bonecos, por exemplo, somos citados como um trabalho de narração oral que mantém uma relação fronteira com o teatro e a animação de formas. Desta forma, a partir do momento em que nos demos conta desta intersecção, buscamos nos formar e aprofundar em ambas as linguagens, estudando e participando de oficinas. E, além disso, paralelamente, muito ensaio, pesquisa e treinamento dentro do próprio grupo, para que pudéssemos compreender o que nos interessa e o que não nos interessa fazer, o que faz parte do nosso interesse artístico e o que precisa ficar de fora. Vimos que era importante, por exemplo, pesquisar a dramaturgia da sessão de histórias, ou seja, investigar o fio dramático que em cada tipo de sessão venha a traçar ideias e metáforas, nas palavras e na música.

Nos últimos anos, a direção artística vem se propondo a esboçar linhas de signos que, ao mesmo tempo, provoquem a sensação de unidade e pluralidade de sentidos junto ao espectador. E esta escolha tem como ponto de partida a própria narrativa que queremos contar. A experiência com o tapete como elemento cenográfico e cênico nos indicou que tudo é possível em se tratando do bate-papo entre as narrativas orais e a utilização de suportes plásticos

(painéis, livros, corpo etc.). No ano de 2005, por exemplo, a integrante Rosana Reátegui, fundou, na cidade de Lima, o projeto **Manos que cuentan**, onde coordena artesãs limenhas no estudo e confecção de livros de pano, com base na técnica da *arpillería* (técnica artesanal andina de costura feita à mão para confecção de painéis de tecido) e a partir da literatura oral peruana.

Já no Brasil, para o conto popular brasileiro "O rei que ficou cego", versão do ilustre escritor Ricardo Azevedo, por se tratar da grande jornada de um herói, costuramos um tapete gigante de doze metros, que vai do chão ao teto e sobre o qual podemos fazer tudo aparecer e desaparecer. O tapete gigante nasceu da ideia "Para uma grande história, um tapete maior que a gente". A história nos conduziu ao tipo de cenário. Se até então o contador utilizava cenários pequenos e se colocava frente ao material, manipulando-o, desta vez nós permitimos inserirmo-nos dentro do tapete. Isso naturalmente provocou com que corpo, voz, manipulação dos bonecos, tudo ganhasse uma nova estética que ainda não tínhamos experimentado, adequando-se ao propósito. A expressão teve que responder aos novos desafios estéticos, acabando por delinear enfim a estética particular deste trabalho. O melhor do novo é o que provoca primeiramente em nós mesmos e depois, como reflexo, em quem assiste. Há trabalhos nossos que se aproximam mais ao que a maioria entende por teatro ou teatral.

■ **Como você considera os limites entre teatro, performance e narração oral no seu trabalho?**

Se o nome do que estamos fazendo é teatro, performance ou narração oral, para nós isto não importa. Sabemos que o que nos move é uma qualidade de contato com nosso próprio processo criativo e para quem estamos dispostos a dialogar.

■ **Nas oficinas de formação de contadores, qual o caminho metodológico que vocês seguem?**

Partimos de dinâmicas em torno da palavra oral, estudos sobre o conto (estrutura, linguagens e conteúdo simbólico), manipulação e animação de objetos para, enfim, desembocar no planejamento e criação de suportes plásticos. A oficina é exatamente um reflexo do que somos. Sua finalidade é estimular as pessoas a lidar com seu material pessoal narrativo e expressá-lo também por meio da criação plástica.

■ **Qual a formação dos integrantes do grupo? Quem faz o quê? Todo mundo faz tudo?**

Os integrantes do grupo são atores e professores de teatro formados em Artes Cênicas e Licenciatura Plena em Artes pela UNIRIO. A direção artística do grupo é minha e de Carlos Eduardo Cinelli. Quanto à produção, fico com a parte administrativa e Cadu Cinelli, a contábil. Edison Mego e Rosana Reátegui também colaboram na elaboração de projetos e produção executiva.

■ **Como você se interessou por esse tipo de trabalho? Como foi começar a contar histórias com tapetes?**

*Eu comecei a me interessar por contar histórias quando conheci o trabalho do projeto francês **Raconte-Tapis**, realizado pelo narrador Tarak Hammam na Île de Ré, há mais de 20 anos. Eu estava participando de um treinamento com atores que faziam UniRio comigo e que estavam começando a contar histórias, acabei me aproximando e acompanhando as experiências que via. Fiz uma oficina com Tarak Hammam em 1999 e pouco depois formalizamos a existência do grupo. A partir de então, comecei a me interessar e participar de workshops com diversos profissionais das áreas de literatura, teatro, narração de histórias e música a fim de me aprofundar nos conteúdos: fiz cursos de teatro com as pesquisadoras e atrizes Helena Varvaki e Marilena Bibas, o diretor inglês Nigel Thousand, a doutora em arte-educação Ingrid Koudela, o pedagogo e educador francês Jean-Pierre Ryngaert, a psicanalista e contadora de histórias Maria Clara Cavalcanti (do Grupo Confabulando-RJ), as pesquisadoras e contadoras de histórias Inno Sorsy e Gyslaine Avellar, o artista plástico espanhol José Antônio Potillo.*

■ **O que é mais revelador para você nesse trabalho?**

O mais revelador para mim no processo de contar histórias com tapetes foi me deparar com as múltiplas possibilidades criativas em relação à palavra e ao objeto. A busca por um diálogo leve e fluido entre uma coisa e outra. A conquista de uma relação viva e livre entre o que se diz e o que se toca. Entre o que se vê e o que se pensa. O contato com o público infantil, através das histórias, me permitiu descobrir um propósito mais concreto do ato teatral – concreto no sentido de entendimento filosófico, político, artístico. As histórias me permitem entrar, ao mesmo tempo, na subjetividade que sou eu e nas metáforas que podem vir a nascer do olhar do outro. Já a experiência com o tapete em si me fez debruçar sobre um jogo criativo entre narração da história e animação de formas, som e imagem, deliciosa intersecção entre as poéticas da palavra e das formas.

■ **Como é construída a dramaturgia dos espetáculos nessa relação com o texto literário como obra-matriz?**

Na relação com o texto literário, há casos em que mantivemos o texto na íntegra e há casos em que criamos adaptações pequenas para o exercício performático da narração oral. O processo de ler um livro é uma ação individual, una. Escutar uma história da boca de alguém é uma experiência coletiva e participativa. Nesse caso, o que toca o espectador é a palavra oral, o timbre, o sotaque, a respiração do contador de histórias. São terrenos férteis e independentes que se entrecruzam. De tanto contar uma história, já criamos versões nossas para os contos populares que fazem parte de nosso repertório. Há espaço livre para o narrador colocar sua palavra pessoal, respeitando sempre o conto e a poética do autor original.

■ **Recentemente vocês começaram a criar espetáculos para adultos. Como é contar histórias para adultos?**

É uma experiência muito diferente. A criança mergulha no conto, de primeira. Ela tem avidez por entender como a vida se dá e quais os sentimentos envolvidos nas tramas dos homens. O adulto é mais analítico e precisa ser pego de surpresa. E não é apenas através da experiência intelectual que o adulto conseguirá entrar numa história. O narrador precisa encontrar um meio apurado de fazer o adulto se render ao conto, de tocá-lo inconscientemente.

■ **Quais os projetos futuros do grupo?**

Temos como projetos futuros a ilustração de livros infanto-juvenis; a continuação de nossa pesquisa sobre literatura oral e escrita brasileira e mundial; o aprofundamento maior nos elementos da dramaturgia cênica que temos pesquisado; a reflexão e os ensaios sobre arte para crianças; a montagem de espetáculos; a criação e a confecção de novos materiais plásticos; e levar nosso projeto a crianças e jovens de realidades sociais diferenciadas.

■ **Tem algum episódio engraçado ou emocionante que você poderia nos relatar?**

*Todos os episódios inusitados têm a ver com a recepção por parte das crianças. Foi muito forte a primeira vez que saí do país e fui contar histórias em outra língua. As crianças me olhavam como quem investiga uma coisa jamais vista. Ficavam boquiabertas com o sotaque, com as escolhas fonéticas. Vieram perguntar de meu país e me propuseram um jogo de traduzir para português toda palavra que eles me dissessem. Eles morriam de rir com as novidades: **perro** é cachorro, **tenedor** é garfo, **armadillo** é tatu. Outro episódio emocionante aconteceu no dia em que recebemos um grupo de um orfanato para contar histórias. Eu me aproximei de uma criança que havia acabado de chegar e lhe disse: "Vem comigo!" E a criança me respondeu: "Eu não sei o que é comigo!". Fiquei com a frase na cabeça. Na época, eu estava estudando a orfandade nos contos de fada. E, com a frase desta criança, me dei conta de que a palavra "comigo", no contexto mais simbólico que ela pode adquirir, nasce com os pais. Os pais nos ensinam o que é "estar comigo".*

A última que me lembro – esta é engraçada! – foi quando um menino, no meio de uma apresentação, se levantou, foi até mim e me pediu: "Preciso ir ao banheiro. Você pode parar a história?". Aí todo mundo soltou uma risada quase ensaiada. Então respondi: "Segurar a história não vai dar, porque ela corre sozinha, mesmo saindo da boca da gente. Mas assim que acabar a apresentação, eu conto pra você o que aconteceu enquanto você foi fazer xixi!". O menino sorriu, foi ao banheiro e, quando voltou, ele se sentou novamente em seu lugar. No final, contei para ele o pedacinho da história que tinha deixado de ouvir.

SOBRE A AUTORA

Doutorando em Estudos Culturais/Literatura Comparada
pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Email: andreacarvalho@ufrj.br

OS TAPETES CONTADORES DE HISTÓRIAS

Website: www.tapetescontadores.com.br

Email: tapetescontadores@hotmail.com

Recebido: 12.03.2015

Aprovado: 23.03.2015